



# CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS

GABINETE – VEREADORA DÉBORA CAMILO - PSOL

PROJETO DE LEI Nº \_\_\_\_\_, DE 2025

**Altera denominação de  
logradouro público e outras  
providências;**

Art. 1º A Praça Estado de Israel passa a ser denominada Praça Jornalistas Palestinos.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Santos, 22 de maio de 2025.

**DÉBORA CAMILO**

**Vereadora**



# CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS

GABINETE – VEREADORA DÉBORA CAMILO - PSOL

## JUSTIFICATIVA

O projeto surgiu da resistência da comunidade palestina e todo o mundo que luta pela Palestina Livre, fundamentada na justiça que deve ser feita a esse povo que está há décadas sofrendo um genocídio e o roubo de seu território.

Guilherme Prado, professor, pesquisador, coordenador da Livres Coop e Doutorando em Economia Política (UFABC), nos apresenta uma breve história do massacre praticado por Israel, desde a criação desse estado ilegítimo, das constantes violações de direitos e como e por meio de quem Santos veio a homenagear o massacre palestino.

**A Praça Estado de Israel é uma homenagem feita por um prefeito sem voto, a um regime de apartheid e Estado Ilegítimo.**

A Praça Estado de Israel está localizada na Vila São Jorge, na Zona Noroeste de Santos. Ela recebeu seu atual nome por meio da Lei nº 3.011, aprovada em 10 de dezembro de 1964, ou seja, 253 dias após o golpe civil-militar que mergulhou nosso país em 21 anos de autoritarismo.

Naquele momento, a nação palestina estava prestes a perder ainda mais parcelas do seu território, que já havia sido parcialmente tomado com a criação do Estado colonial de Israel em 1948, fruto da intervenção de países imperialistas, especialmente a Inglaterra. Em outras palavras, além de representar uma afronta à autodeterminação dos povos, a nomeação do logradouro como Praça Estado de Israel constitui uma mancha ainda mais grave na história de Santos, pois foi imposta por um prefeito sem votos: o comandante Fernando Ridel. O militar, conforme descrito pela *Veja Santos*, foi nomeado para substituir José Gomes, que havia sido “cassado pela Revolução” sete meses após sua eleição.

Muitos argumentos poderiam ser levantados a partir da história de um país que foi brutalmente colonizado e de uma cidade que serviu como porto para a escravização, o saque e o genocídio de sua população indígena — um processo semelhante ao que ainda ocorre na Palestina.

Por tudo isso, a cidade de Santos não pode continuar, simbolicamente, legitimando e homenageando um Estado colonial e de apartheid, pelos motivos históricos expostos a seguir.



# CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS

GABINETE – VEREADORA DÉBORA CAMILO - PSOL

## **A identidade da nação Palestina é uma construção de vários séculos**

Há um amplo consenso de que o nome "Palestina", referindo-se à região geográfica onde está situada a Palestina moderna, teve origem no período do Império Romano, há pelo menos dois mil anos. Desde pelo menos o século VII, a região tem sido predominantemente árabe e muçulmana. Durante a ocupação otomana, iniciada em 1517 e que duraria 400 anos, menos de 5% da população era de religião judaica, entre 10% e 15% eram cristãos, e mais de 80% eram muçulmanos.

Além disso, antes do final do século XIX, já existia um forte sentimento de identidade e pertencimento nacional palestino na região, compartilhado por árabes, cristãos e judeus, baseado em território, idioma, história e cultura comuns. Assim como no Brasil há pessoas de diversas religiões e costumes que compartilham um sentimento de "ser brasileiro", o mesmo pode ser dito sobre o povo palestino ao longo da história, independentemente de serem judeus, cristãos, muçulmanos, brancos ou negros.

## **A criação forçada de um Estado de Israel é um projeto colonialista**

O sionismo é, predominantemente, uma ideologia política que fundamentou a criação forçada do Estado de Israel no território da Palestina histórica e que continua a defender sua expansão sobre os remanescentes fragmentos de solo palestino, baseando-se na segregação religiosa e étnica, além da ideia de superioridade judaica. Longe de ser sinônimo de judaísmo — uma religião que deve ser respeitada —, essa ideologia foi essencial para a limpeza étnica da Palestina histórica desde o século XX até o atual genocídio, sem precedentes na história humana.

Essa injustiça histórica, que fez com que o povo palestino pagasse pelos crimes cometidos contra o povo judeu — especialmente o brutal Holocausto —, legitimou-se por meio de um dispositivo como a Organização das Nações Unidas, que, em 1947, criou a UNSCOP (*United Nations Special Committee on Palestine*). A partir desse comitê, uma maioria impôs, por meio de votação — mas com todos os artifícios geopolíticos possíveis sendo operados por fora do pleito —, um plano



# CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS

GABINETE – VEREADORA DÉBORA CAMILO - PSOL

para particionar a região, concedendo 56% de seu território para um Estado judeu e 43% para o povo árabe palestino.

## **Da invenção do Estado de Israel ao maior genocídio de crianças já registrado**

A invenção de um Estado colonial e de apartheid, no entanto, tinha origens anteriores e externas. Com a Declaração Balfour de 1917, emitida pelo secretário de Assuntos Estrangeiros britânico, Arthur James Balfour, a Inglaterra se posicionou a favor da criação de um Estado judaico em um território que já possuía um povo. A votação no âmbito da ONU, que mais tarde se tornaria palco de inúmeras resoluções contra a violência perpetrada pelo Estado de Israel, serviria para legitimar o que, desde o início, se revelou uma farsa.

Por isso, à época da aprovação da lei que nomeou a praça hoje chamada de Estado de Israel, já era evidente a ilegitimidade da criação desse Estado sobre um território que já possuía povo e nação. A data de 1948 marcou o início da limpeza étnica da Palestina, um evento conhecido pelo povo árabe como *Nakba*, que pode ser traduzido como "catástrofe". Nessa fase do colonialismo judaico, mais de 700 mil palestinos foram removidos de suas casas. Foi também nesse contexto que se originou a atual Faixa de Gaza, o maior campo de concentração do mundo.

A história, porém, não termina aí. A título de comparação cronológica, a mudança do nome da praça ocorreu três anos antes de 1967, ano da Guerra dos Seis Dias. A partir dessa data, Israel ampliaria ainda mais seu território, tomando terras palestinas e de outros Estados árabes, além de remover cerca de 300 mil palestinos de suas casas.

A guerra genocida nunca parou totalmente, mas, considerando apenas os assassinatos ocorridos desde outubro de 2023 até o momento, cerca de 48 mil palestinos foram mortos, sendo provavelmente mais da metade mulheres e crianças. O genocídio já atingiu a maior proporção de crianças assassinadas em um conflito na história. Além disso, 10 crianças perdem um ou dois membros inferiores por dia desde então.

## **Conclusão**

Uma vez que o Estado de Israel foi assentado sobre solo palestino, um território que já possuía povo e nação; uma vez que esse Estado é colonialista e de apartheid, pois se baseia na supremacia judaico europeia, onde até judeus árabes são considerados cidadãos de segunda classe, sem acesso pleno a direitos — e,



# CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS

GABINETE – VEREADORA DÉBORA CAMILO - PSOL

mais ainda, os palestinos árabes; uma vez que o sionismo, patrocinado pelos países desenvolvidos, já resultou até o momento na morte de milhares de civis, jornalistas, crianças e mulheres, além da remoção forçada de milhões de pessoas, o município de Santos não pode manter a homenagem outorgada à "Praça Estado de Israel" dentro de seus limites geográficos.

Corroborando sua premissa democrática e de solidariedade com os povos e seus processos de autodeterminação, a prefeitura da cidade e a Câmara de Vereadores devem não apenas suprimir o nome "Estado de Israel" do referido logradouro, mas também reparar essa injustiça simbólica, rebatizando a praça como "Praça Jornalistas Palestinos".

A escolha do nome se deve a dedicação de jornalistas palestinos em denunciar o genocídio praticado por Israel. Com o impedimento da entrada de jornalistas estrangeiros, os jornalistas palestinos são heroicos em continuar noticiando o massacre, mostrando ao mundo o que está acontecendo na Palestina, apesar do perigo que correm. Desde o início da última ofensiva, a quantidade de jornalistas assassinados já está na casa das centenas, de pessoas que se recusam a se calar diante dessa injustiça que está matando de bala, de bomba e de fome o povo palestino.

## Referências:

1. <https://www.novomilenio.inf.br/santos/poli1961.htm>
2. Ilan Pappé. **10 Mitos Sobre Israel**. Tabla. 2022.
3. Ilan Pappé. **A Limpeza Étnica da Palestina**. Sundermann, 2016; e <https://fepal.com.br/palestina-vive-genocidio-maior-que-o-da-2a-guerra-mundial/>
4. Ilan Pappé. **A Very Short of the Israel-Palestine Conflict**. Oneword, 2024.
5. <https://www.hrw.org/news/2022/06/14/gaza-israels-open-air-prison-15> e <https://theintercept.com/2018/05/20/norman-finkelstein-gaza-iran-israel-jerusalem-embassy/>
6. <https://www.brasildefato.com.br/2024/10/11/genocidio-na-palestina-e-a-maior-matanca-de-criancas-da-historia-afirma-presidente-da-fepal/>
7. [https://www.lemonde.fr/en/international/article/2024/06/25/unrwa-reports-10-children-lose-legs-every-day-in-gaza\\_6675697\\_4.html](https://www.lemonde.fr/en/international/article/2024/06/25/unrwa-reports-10-children-lose-legs-every-day-in-gaza_6675697_4.html)

Santos, 22 de maio de 2025.

**DÉBORA CAMILO**

**Vereadora**

